

aos 70

João  
Anzanello  
Carrascoza

e aos

40

ALFAGUARA

Copyright © 2016 by João Luis Anzanello Carrascoza

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,  
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Capa e projeto gráfico*  
Claudia Espínola de Carvalho

*Preparação*  
Eduardo Rosal

*Revisão*  
Adriana Moreira Pedro  
Angela das Neves

*Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção;  
não se referem a pessoas e fatos concretos, e não emitem opinião sobre eles.*

---

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (cip)  
(Câmara Brasileira do Livro, sp, Brasil)

Carrascoza, João Anzanello  
Aos 7 e aos 40 / João Anzanello Carrascoza. – 1<sup>a</sup> ed.  
– Rio de Janeiro : Alfaguara, 2016.

ISBN 978-85-5652-030-2

i. Ficção brasileira I. Título.

---

16-07843

CDD-869.3

---

Índice para catálogo sistemático:  
i. Ficção : Literatura brasileira 869.3

[2016]

Todos os direitos desta edição reservados à  
EDITORARIA SCHWARCZ S.A.  
Praça Floriano, 19 — Sala 3001  
20031-050 — Rio de Janeiro — RJ  
Telefone: (21) 3993-7510  
www.objetiva.com.br

depressa 7

**devagar 11**

leitura 17

**escritura 23**

nunca mais 35

**para sempre 41**

dia 51

**noite 61**

silêncio 71

**som 79**

fim 87

**recomeço 97**

Depressa

Eu ia correndo à vida. Aos sete, a gente é assim. Pula de um doce pra um brinquedo. De um brinquedo pra uma tristeza. Tudo rápido, no demorado da infância. O pai chegava, *Olha o que eu trouxe pra você!*, e abria a mão: um punhado de balas Chita! O mundo, então, era aquele sabor em minha boca, eu concentrado em mastigar, querendo outra, e mais outra, satisfeito de estar ali, fiel ao meu instante. Mas então a mãe lembrava, *Você fez a lição de casa? Deixa eu ver!* Num salto, eu mostrava minha letra miudinha no caderno, Ó, *passei tudo a limpo aqui, ó!*, e nem ligava mais pra Chita, só queria ver se a tarefa estava correta e pedia pra mãe conferir, enquanto tirava com o dedo o resto de bala grudada no dente.

Meu irmão me chamava, *Vamos ver desenho!*, e ligava a tevê, nós dois sentadinhos no tapete, como índios, eu já esquecido do que não via, tomando cuidado pra continuar lá, um olho n'*A pantera cor-de-rosa*, outro pela sala à caça de novidades. Um caminhão de carga passava lá fora — a gente sabia pelo barulho do motor —, saímos correndo, num empurra-empurra, e, debruçados na janela, víamos o caminhão se arrastando, ruidoso. O silêncio logo vinha, devagarzinho, até se chegar, todo. E, adiante, as casinhas de sempre, a gente ali gastando o olhar com a noite que descia do céu. O óleo quente chiava na cozinha, no ar o cheiro de bife que a mãe fritava. Eu voava pra cozinha, entregue inteiramente à minha fome, *Cuidado, fique longe da frigideira!*

Assim era um dia, o outro também: eu desper-

tava, me enfiava no uniforme e no menino que me cabia, o café da manhã vinha a mim, eu e meu irmão indo pra escola, o caminho um sobe e desce que andava em nós; na rua pensávamos no encontro com os amigos no portão; no portão já íamos rascunhando o que aprenderíamos na sala de aula; na sala de aula já recolhendo o tempo, como uma corda, pra trazer mais rápido o recreio — e nele viver pequenas alegrias. Eu queria crescer logo, trocar a minha pele de criança por uma de homem...

Fascinava-me tudo o que, de súbito, surgia à minha frente. Mas não o desvelar de seu mistério! Por isso, quando a professora explicou que aquela flor, igual a tantas no jardim das casas, era uma monocotiledônea, foi um susto! Eu só sabia da flor no vaso da mãe, depois que eu colhia e dava pra ela. E aí, um dia, outro susto: o relógio de pulso do pai. Ele retirou a tampa com uma pinça, eu e meu irmão de olho, fungando curiosidade, e, *Nossa!*, eis aquelas peças todas, pequeninas, a brilhar, umas fabricando o tique-taque, outras, represadas no silêncio.

Então, numa manhã, veio do Rio de Janeiro a tia Imaculada e com ela a prima Teresa, que eu não conhecia. Chegamos da escola, a tia na cozinha ajudava a mãe a fazer o almoço, *Oi, oi*, beijo em mim, beijo em meu irmão, ele já indo guardar a mochila, eu ali, e lá no quintal ela, Teresa, menina. Vi, feliz, a novidade, mas, em seguida, desvi. Ia pegar a direção do quarto, quando a tia disse, *Vai falar com a sua prima*, e a mãe, *Deixa de ser bicho*

*do mato*, e aí eu fui, meio resignado, meio à vontade. A Teresa estava lá, calada, à sombra da mangueira. Tão calada que eu pensei, mesmo sem sermos íntimos, *Ela tá triste*. Eu nem sabia ler a tristeza nas pessoas. Eu ainda errava no meu olhar. Mas aí eu me acerquei, no máximo de meu quieto, como se dizendo, *Oi, eu tô aqui*. Ela mirava o chão, sincera com as formigas. Ergueu a cabeça. Sorriu. Na minha impaciência, eu ia correr com as palavras, oferecendo um assunto pra nós. Mas, estranhamente, senti uma calmaria, quase de sono. Olhei bem pra ela. Pra ver tudo, nos detalhes. A cor dos olhos, o nariz arrebitado, a boca bonita, os dentes brancos clarinhos, tudo o que, pra mim, era o jeito dela. E, foi aí, de repente, que eu perdi toda a pressa do mundo.

# Devagar

O homem estacionou o carro no subsolo,  
pegou a bolsa e o buquê de rosas que comprara de um  
vendedor no semáforo  
e subiu para o oitavo andar.

O dia de trabalho ficara para trás, anestesiado pelo  
esquecimento provisório.

E, quando ele saiu do elevador, deu com a mulher  
à porta do apartamento, as mãos na cintura, como se  
tivesse nascido ali só para esperá-lo.

Certamente, ela vira, pela janela, o momento em que  
ele entrara com o carro na garagem do prédio.

Ele estendeu o buquê e, feliz com o sorriso que ela lhe  
abria,

*Flores? Pra mim?,*  
abraçou-a, convicto de que, depois de atravessar um  
expediente turbulento,  
teria a sua cota de paraíso.

Entraram no apartamento, em silêncio, o toque de  
sua mão no ombro dela dizia,

*Esta é minha mulher e eu voltei pra ela,*  
e, enquanto a observava colocar as flores num vaso,  
(não eram monocotiledôneas, pensou)  
sabia que ela, sem se valer das palavras, estava

dizendo,

*Este é o meu homem e ele voltou pra mim.*

A sala, as cortinas abertas, lá fora o céu escurecendo  
devagar — como a vida deles, do menino, de todos —,  
a mesa posta e os móveis, em seus lugares,  
diziam,  
numa única voz,  
*Tudo está em ordem.*

E, mesmo que fosse uma ordem interina, era uma

bênção:

nada de especial estava em curso, apenas o reencontro

de um homem e sua mulher, ao fim do dia,

e era aí,

na simples volta de um para o outro,

que se dava o milagre.

A mulher lhe acariciou os cabelos, como se a mecha

que caía sobre a testa a impedisse de ver se o rosto

flutuante em sua memória

coincidia com o de seu marido, atual,

diante dela.

Ele se manteve quieto, entregue ao seu pejo, mas

seguro de que aquele afago buscava recongrá-lo

para ela;

o mundo, durante o dia, desfigurava-o, e, à noite,

por meio daquelas mãos, ele se refazia.

*E o menino*, perguntou?

*Já está dormindo*, ela respondeu. *Estava muito cansado*.

*Jogou futebol hoje na escola*.

*Mas está tudo bem?*,

*Sim, está tudo bem. Quer uma cerveja?*

*Não, obrigado*.

E, então, fez um comentário sobre o trânsito, ao qual

ela emendou um episódio familiar, outra arte do

garoto.

E, de fatos em fatos, mí nimos, conversaram alguns

minutos, até que ela disse,

*Vai tomar o seu banho*,

ele aquiesceu com a cabeça, tirou os sapatos,

*Já vou*.

Passou pelo quarto do filho e ficou a observá-lo

dormindo.

Acariciou-o apenas com os olhos, receoso de que  
o toque de suas mãos, mesmo de leve, pudesse  
despertá-lo.

A vida era devagar.

Poderia ser mais devagar ainda.

Porque o menino logo atingiria o ponto do caminho  
onde o homem que ele seria o esperava.

No banheiro, despiu-se, entrou no boxe e abriu  
a torneira.

A água caía mansa, lavando a cruz que em suas  
costas se aderira como uma tatuagem. Sentia-se  
refém daquele corpo, que o diferenciava dos  
demais,

o corpo que sua mulher reconhecia como o de seu  
homem,

e o menino como o de seu pai.

E enquanto lavava os cabelos, os pés, os braços, ele  
pensou na mulher, esquentando o jantar;  
e, quando já se vestia no quarto, de costas para  
a porta, sentiu a presença dela — aqueles passos,  
como se tivessem silenciadores, abafavam  
o alvoroço do seu coração.

Foi à cozinha, mirou-a, curvada sobre o fogão,  
as espáduas frágeis, os cabelos castanhos, tão  
desprotegida, tão dele.

Quando se aproximou, ela se voltou, como uma  
árvore cujos galhos se movem antes de o vento  
soprar, e disse o que se diz quando não é preciso  
dizer nada,

*Pronto?*

Sem o que responder senão o óbvio, ele disse,

*Sim,*

e foi abrindo a tampa das panelas, sorvendo com  
prazer o cheiro bom da comida.  
Jantaram sem pressa, reacostumando-se um  
à companhia do outro, comentando as notícias do  
mundo  
(os quilômetros de congestionamento na cidade)  
e as deles,  
uns assuntos comuns, que logo seriam enterrados por  
outros, mais vívidos,  
e as palavras vinham e voltavam,  
ocupando o espaço daquilo que eram eles mesmos lá  
no fundo  
— o silêncio.  
Como noutras noites, estavam juntos, novamente,  
nem atentos nem desatentos para o ar que entrava  
e saía de seus pulmões,  
apenas permitindo que entrasse e saísse, devorando  
a casca do instante e seguindo rumo ao passado.  
De um a outro fluía, na conversa, o que eles sentiam  
e pensavam,  
*Não diga?; Você viu?;*  
*Não sei; Pode ser;*  
*Quer mais?; Não!;*  
*Posso recolher?; Pode;*  
*Estava bom?; Estava ótimo!*  
Em seguida, ele a ajudou a retirar a mesa e se ofereceu  
para secar a louça,  
*Hoje não precisa,*  
mas ele insistiu, para poupá-la,  
e ela, com a mesma intenção, disse,  
*Num minuto eu limpo tudo,*  
e já que um dos dois teria de ceder,

ele se sentou no sofá com um livro, à luz do abajur,  
e, durante algum tempo, ouviu-a na cozinha, lavando  
e guardando os pratos, os copos, os talheres.

Em seguida, ela foi para o quarto do casal, dali para  
o quarto do menino, depois ao banheiro, e, por fim,  
retornou à sala.

Ele não reparou no que ela fazia, mas imaginou que  
punha ordem na casa, ajeitava umas coisas aqui  
e ali, esquecida dele;  
e, ele, com o livro aberto, agia do mesmo modo,  
 fingindo que não a notava.

Mas,  
de repente,  
como se encontrasse a chave capaz de igualar a sua  
percepção à voltagem do universo  
— e, assim, atingir um ponto acima daquele que a  
realidade lhe permitia —, ele se pôs a escutar  
atentamente os passos dela, vagarosos,  
de lá para cá.

E, então, sentiu que aquele era o momento,  
e ali, junto a ela e ao menino,  
o único lugar no mundo onde desejava estar.

# Leitura

Naquela época, eu estava aprendendo a ler e a escrever e me encantava descobrir como uma letra se abraçava à outra para formar uma palavra, e como as palavras, úmidas de tinta, ganhavam um novo rosto, quando escritas no papel. Pra mim, as letras nasciam encaracoladas como gavinhas e, na hora de abrir a cartilha e juntá-las, eu sempre gaguejava, rasurando o silêncio. Meu irmão, mais avançado no mundo da leitura, ria às soltas, zombando dos meus erros. Uma tarde, ao ouvi-lo caçoar de mim, minha mãe o lembrou das dificuldades que ele tivera e disse, *Você também errava muito!*, e afirmou que aquele bê-á-bá era apenas o começo, um dia eu e ele iríamos ler não só as palavras, mas tudo ao nosso redor, inclusive as pessoas.

Achei engraçado aquilo que ela disse, como é que seria ler as pessoas? Meu irmão ficou me olhando, surpreso, eu feito um espelho no qual ele se via, coçando a cabeça. Então eu era um livro, ele outro, minha mãe outro, o pai também? E todo mundo uma escrita, com suas letras, seus pês e bês, seus capítulos? Éramos pra ser folheados, lidos e relidos? Vendo-nos atônitos, ela moveu os braços, como se espantasse galinhas, e disse, *Logo vocês vão crescer e entender!*

E, enquanto crescíamos, quase sem perceber, eu e meu irmão jogávamos futebol no quintal de casa. As folhas de zinco, que serviam como porta da garagem, eram um dos gols; a parede da edícula, entre duas portas, o outro. Cada um de nós era seu próprio time, tinha de driblar o adversário,

cruzar pra si mesmo, fazer o gol, defender-se. Nossa única plateia era minha mãe e a Dita, lava-deira, que apartavam as nossas brigas, já que éramos também os juízes do jogo, e cada um apitava sempre a seu favor.

Tínhamos um torcedor especial, seu Hermes, nosso vizinho e, embora ele não visse o jogo, sempre sabia a quantas andava a disputa. Nós gritávamos o tempo todo, narrando as nossas jogadas, um provocando o outro, troçando de uma meia-lua, um carrinho, um chute de trivela. E, é claro, ele ouvia tudo do fundo de sua casa. Seu Hermes era um homem dos quietos. Meu pai comentara que ele fora soldado na Segunda Guerra e, depois de voltar, dera pra recuperar rádios quebrados e cuidar de seus passarinhos. E ele tinha mão pra tirar as coisas do silêncio, afagar asas, avivar cantos. Construía um viveiro de canários fantástico: vinha gente do país inteiro admirar a sua criação. Pela manhã, ele pendurava fora de sua casa, onde batia a sombra de uma jabuticabeira, as suas gaiolas de alumínio e madeira. Por cima do muro, a gente podia ver os pássaros-pretos, os azulões, os coleirinhos, os martins-pescadores, uns mais bonitos que os outros, cantarolando até a tardinha.

Minha mãe dizia que seu Hermes tinha coisa com São Francisco, não podia ser de gente, só humano, aquele poder de atrair os passarinhos, e contou que ele uma vez abrira as gaiolas mas nenhum voara: ficaram todos ali, a comer frutas em suas mãos e a bicar seus dedos. De vez em quando a gente o via, abastecendo de água um recipiente,

despejando alpiste, saindo e entrando da cozinha, manso, ele só ele. Quando a bola caía em sua casa e regressava com o raiar de seu rosto rente ao muro, seu Hermes nos abria um sorriso que não sabíamos se era de sim ou não pras nossas estripulias. Não jogávamos às rasteiras; gostávamos de nos exibir com um chapéu, uma folha seca, um lençol, e aí a bola saía do casulo, ia aérea, queria borboletar e, em seus desejos de céu, ultrapassava o muro e caía do outro lado, espantando a passarinha que se alvoroçava nas gaiolas.

Vieram as férias, chamamos o Paulinho, o Lucas, uns garotos da vizinhança, e montamos dois times, o quintal virou quadra de pelada, e a bola toda hora caía do outro lado. Seu Hermes devia ouvir com gosto as partidas, querendo sua continuação, porque logo a devolvia, lépido, serviçal. Uma manhã, dona Elza, sua mulher, veio reclamar; a bola estava quebrando seus vasos, matando suas samambaias de metro e as violetinhas que cresciam à sombra da jabuticabeira. Meu pai então mandou aumentar o muro.

As aulas retornaram, eu e meu irmão voltamos às nossas partidas solitárias, um contra o outro, cada um o seu time inteiro, e a bola, rebeldes, fugia pra casa de seu Hermes. Ficávamos a apostar onde ele ia atirá-la de volta, se num extremo do muro, perto da mangueira, se lá embaixo, junto à edícula. Nós ali, cheios de silêncios, no aguardo e, de repente ela, a bola, saltava de lá, pelas mãos dele, e quicava no cimento, à procura de nossos pés.

Tudo ia bem, até que meu pai soube por dona Elza que seu Hermes andava acarbrunhado, as pernas bambas, emagrecendo. Chamaram o médico, deram-lhe uns remédios e recomendaram repouso. Eu e meu irmão continuamos nosso futebol, contidos na gritaria, sentindo que coisas estranhas rondavam, mas ainda inaptos pra entendê-las. E, mesmo com o muro mais alto, a bola teimava em cair na casa do nosso vizinho. A demora na sua devolução se ampliara e, às vezes, nos afligia. Mas, de repente, ouvíamos os passos vagarosos de seu Hermes, e lá vinha ela, alva no ar como uma pomba, aterrissando feliz em nosso quintal.

Um dia o céu escureceu subitamente; a manhã virou noite, e o temporal desabou, uma aguaceira dos demônios, os relâmpagos rabiscando o céu, a ventania partindo galhos de árvores, uma coisa de dar medo. Depois, milagrosamente, raiou um sol cor de sangue que chupou as águas da chuva e, à tarde, tudo seco, eu e meu irmão fomos jogar futebol, escondidos de minha mãe que ralhara conosco, não devíamos aborrecer a dona Elza, o seu Hermes, tão doente...

Começamos macios, mas logo a partida ferveu e, como sempre, um deu de provocar o outro, drible desse, careta daquele, gol lá, gol cá, a bola querendo subir, passarinhos nas alturas, desengaiolada, e então, na tentativa de me dar meia-lua, meu irmão errou o chute e ela caiu na casa de seu Hermes. Os passarinhos se agitaram, um canário deu uns trinados, satisfeito com o sol, o frescor

da tarde e, como um rastilho, seu canto se espalhou, e a passarada começou a cantar forte, uma gostosura de se ouvir.

Nós ficamos ali, de olho num extremo e outro do muro, à espera da bola, imaginando em que ponto ela cairia. Mas o tempo foi passando, a sombra da jabuticabeira crescendo do outro lado, e eu e meu irmão nos olhamos fundo, fundo, em silêncio. Como no replay de um lance, me lembrei daquelas palavras da minha mãe, que um dia ainda iríamos ler as pessoas. Apesar de imóveis ali, havia poucos minutos, eu sabia, e ele também, que seu Hermes nunca mais poderia nos devolver a bola.